



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) – CAMPUS IV
GRADUAÇÃO EM LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

VILEBALDO SANTOS DE JESUS

**MEMÓRIAS *ABENSONHADAS*: a identidade e o
sagrado na poética oral das benzedeadas da cidade de
Saúde/BA**

Jacobina – BA

2025

VILEBALDO SANTOS DE JESUS

**MEMÓRIAS *ABENSONHADAS*: a identidade e o
sagrado na poética oral das benzedeadas da cidade de
Saúde/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Ciências Humanas (DCH) – Campus IV, como requisito para obtenção do diploma do título de graduado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Dr. Adriano Antônio Lima Menezes.

Jacobina – BA

2025

VILEBALDO SANTOS DE JESUS

MEMÓRIAS ABENSONHADAS: a identidade e o sagrado na poética oral das benzedeadas da cidade de Saúde/BA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Departamento de Ciências Humanas (DCH) – Campus IV, como requisito para obtenção do diploma do título de licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em: ____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adriano Antônio Lima Menezes

Doutor em História e Cultura do Brasil (ULisboa)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB – DCH – Campus IV)

(Orientador)

Prof.^a Dra. Cláudia Pereira Vasconcelos (UNEB – DCH – Campus IV)

Doutora em Estudos Culturais (ULisboa/UFBA)

(membro interno)

Prof.^a Dra. Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha (UNEB – DCH – Campus IV)

Doutora em Educação e Contemporaneidade (FACED/UFBA)

(membro interno)

Aos meus avós a quem devo memórias,
histórias e quem eu sou: *Dona Julia e
Manel de Aurelino (In memorian)*.

À minha mãe, Eliane, referência em
cuidado, responsabilidade e, acima de
tudo, esperar.

A *Dona Zefinha (In memorian)*
benzedeira que em plenitude do seu ofício
e fé salvou a minha vida na infância.

AGRADECIMENTOS

Esta é a parte que mais esperei escrever no meu trabalho, todavia nutri em minha trajetória no curso de Letras – e que trajetória excêntrica (risos) – muita gratidão. Iniciei no curso no ano de 2014, estudei 4 semestres, mas no ano de 2016 precisei parar de estudar por conta de problemas pessoais (não tive saúde emocional, nem tampouco psicológica para continuar). Passei pouco mais de 7 anos longe da universidade. Retornei no ano de 2023, no semestre 2023.2, por meio de uma matrícula especial. Que felicidade ter podido voltar, senti-me como quem volta à vida. Quantas pessoas maravilhosas pude ter contato. Quanta coisa incrível vivi e aprendi.

Desde 2014 sempre tive em mente que o meu trabalho de conclusão de curso seria sobre a poesia como documento histórico numa perspectiva de memória e identidade ou sobre algum tema que representasse algo da cultura da minha cidade (Saúde) que me atravessasse. No finalzinho de 2025, estou prestes a aprovar o meu TCC intitulado “MEMÓRIAS ABENSONHADAS: a identidade e o sagrado na poética oral das benzedadeiras da cidade de Saúde/BA”. A vida tem sido uma poeta safada e bem-humorada comigo. Como tenho que agradecer!

Começo agradecendo à fé das pessoas que amo. Agradeço à minha família. Agradeço a Vó Julia por toda força e beleza. Agradeço a mainha por ter feito tudo ao seu alcance para me proporcionar o melhor até aqui – saiba, Dona Liu, que eu nunca me esquecerei do seu amor. Agradeço a painho a quem eu herdei o talento para as artes e também a engenhosidade em lidar com todo tipo de gente. Agradeço ao meu irmão, Vinícius, a quem eu tive a oportunidade de dividir o educar e o cuidar com a minha mãe – fui pai antes de sê-lo, mas não me arrependo. Agradeço a Fabinha, minha companheira, por ser tão acolhedora e amorosa – seu afeto me cura e sua gentileza me ensina. Que ser humano bonito é você! Agradeço a Perolita por ser uma enteada gente boa e, por sorte, ser tão parecida comigo. Agradeço a Davi. Agradeço a Dona Val, a Engenheiro, a Pablo, a Nadja, a Lua, a Gaia. Vocês são o mais próximo de um ideal de família que já tive. Amo todos e com zelo.

Agradeço de todo o coração às minhas poetisas e intelectuais que fizeram ser possível as ideias dessa pesquisa virem ao mundo: Dona Nenzinha (do Paiaíá), Dona Lemilza, Dona Bia, Dona Nilda (do Genipapo) e Dona Dene (da Canoa) – muita gratidão,

mestras! Que essa prática seja sempre viva em nossas memórias para nos lembrar quem somos e de onde viemos. As benzedeadas são um dos pilares da formação da identidade da sociedade de Saúde, da região, do estado da Bahia e, quiçá, do Brasil – vocês são fundamentais. Merecem todo respeito e valorização.

Agradeço com muito louvor às minhas amigas Mariana e Deise pelo suporte que me deram no acesso às senhoras benzedeadas. Muito obrigado por terem sido ponte para esses bate-papos e escutas.

Agradeço ao povo da minha cidade, Saúde, que embora não saibam (em grande maioria) valorizar ainda o que é da sua terra, vivem numa cidade que tem uma riqueza histórica, ambiental e cultural gigantesca.

Agradeço ao povo da Grota das Oliveiras – em especial, minhas amigas Joseline e Eliane do Samba de Roda Palmas e Versos. Agradeço ao povo do Genipapo – em especial ao pessoal do Terno de Reis e do coletivo feminino de artesãs, o CulturArte. Agradeço ao povo do Paiaia, do Riacho, do Itacurubi, do Angelim, do Paulista e do Quebra-Coco. Vocês representam o que a nossa cidade tem de melhor.

Agradeço de maneira muito especial ao Doutor Adriano Menezes, meu orientador. Temos cinco coisas em comum: o bom gosto musical, a paixão por vinhos, a paixão por poesia, o sarcasmo e, não menos importante, somos bonitões. Que sorte o ter próximo a mim. Você é uma das pessoas que mais aprendo e mais sinto orgulho em saber que me admira. É uma felicidade encerrar esse ciclo da graduação tendo você como orientador no meu derradeiro trabalho apresentado – e são maravilhosas as coincidências da vida: o meu primeiro trabalho apresentado na universidade foi numa aula sua lá em 2014 (um seminário onde fiz uma análise comparativa do livro e da produção cinematográfica da obra Capitães da Areia, de Jorge Amado). Muito obrigado pela paciência, pelas conversas, pelas controvérsias e por toda ironia articulada em suas aulas... Risos. Muito obrigado por aceitar me orientar mesmo depois de eu falar que iria escrever um trabalho simples – sem preciosismos, sem vaidade intelectual e, principalmente, sem muitos teóricos e sem o molde de carteirinha da academia. Muito obrigado por compreender e respeitar a minha questão com o tempo. Muito obrigado pelo pensar diferente. Muito obrigado por ser meu amigo.

Agradeço de maneira especialíssima à Doutora Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha, nossa Rubinha – minha eterna professora. Pró, que honra é tê-la em minha vida...

você me deu um amor que só uma mãe pode dar a um filho quando eu mais estava precisando. Sua postura humana, desarmada e sagaz muitas vezes é mal interpretada, mas saiba que eu pude ver para além do que é exibido: que coração gigante você tem! Sou muito grato por sua vida, amo você.

Agradeço também de maneira especial a duas mulheres danadas de sabidas que coordenam dois grupos de pesquisa e extensão na UNEB/CAMPUS IV – que desenvolvem trabalhos maravilhosos que confluenciam artes afro-indígenas (e sertanejas) e democratização ao acesso do livro literário – que eu sou apaixonado e tenho o privilégio de fazer parte: o LEFOR e o ARRIBAR O CÉU. Muito obrigado, prós Doutoradas Deníse Días e Claudia Vasconcelos. Vocês são maravilhosas!

Agradeço também a todas as senhorinhas do Ateliê Form(ativo). O tempo que passei com vocês foi dos melhores da minha vida. A vida pode e deve ser prazerosa na terceira idade, não é mesmo?! Amo todas vocês.

Agradeço a duas coordenadoras de colegiado (do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas) que me marcaram nesse retorno à universidade, as professoras doutoras Helga Porto Miranda e Patrícia Vilela da Silva. Uma por ter me ajudado tanto a retornar ao curso e a outra por me ajudar tanto a concluir. Sou muito grato a vocês.

Falei de colegiado. Não posso deixar de agradecer à força que move aquela sala de coordenação, Andreza Barreto. Muito obrigado, minha querida, por toda paciência e companhia nas reclamações acerca das podas drásticas das árvores ao lado do campus.

Agradeço de todo coração à pró Me. Maria Iraídes da Silva Barreto (*In memoriam*). Como aqueles cafés saciaram a minha fome, pró. Como aquelas xerox me salvaram em componentes que nem eram ministrados por você. Gratidão. Descanse em paz!

Agradeço às professoras e professores que marcaram meus dois momentos de estadia na universidade (2014-2016 e 2023-2025): Moisés Alves, Jaciara Nascimento, Crizeide Freire, Bárbara B. de Santana Pereira, Geysa Andrade, Paulo André Correia, Márcia Regina Mendes, Girleide Ribeiro, Ana Lúcia Gomes, Antenor Rita Gomes, Valquíria Dias, Adilson, João Netto e Davi (do colegiado de Letras – Língua Inglesa). Aprendi muito ouvindo e observando vocês.

Agradeço de maneira separadinha a ela que também foi minha professora, mas que construímos uma relação bem bacana e instantânea de diálogo e admiração. Muito obrigado, de todo coração, Doutora Malane. Que seus olhos sejam sempre de festa para a poesia!

Agradeço aos meus amigos da vida toda: Reinaldo (Eunuco de Faraó), Jeferson (Will), Lucas Carvalho (o avô da mentira), Lukinhas (Jacaré), Paulinho (Paiaia), Samuel (Duke), Gismário Carvalho, Junior Laurindo, Benny (sombra), Felipe (Big Man), Pingo John. Às minhas amigas: Keyte Maia, Audy, Paloma, Luciene, Ana Paula, Rosa, Ana de Lourdes, Manu, Kamilla, Gabis, Angélica, Cilene, Dandara, Simone, Thaís (cabelos de bruxa), Oziene. Também preciso agradecer àquelas e àqueles que vieram a partir da UNEB: Alcilean, Edilaine, Dani, Tailane, Lucas Matos, Daniele Gandarola, Caio Araújo, Maria Isabel, Rayla, Antônia, Daele, Thiago Martins, Pedro Henrique, Saturno, Adriel, Matheus (chuck norris), Domingos, Sarah Laís, Rebeca, Michele, Vitor, Ruth, Jailma, Sofia, Bianca, Karine, Urânia, Breno, Edeilza, Max, Raulino e tantas e tantos outros que não tive tempo de qualidade para me relacionar, mas que sou grato por ter conhecido. Muito obrigado, pessoal, vocês deixaram a experiência universitária muito mais valiosa.

Por falar em experiência universitária, preciso destacar aqui a minha gratidão às Professoras Regina e Gilka que foram as minhas supervisoras dos estágios 3 e 4. E, sim, nesse semestre eu fiz dois estágios de regência. E, sim, não queiram essa loucura mesmo. Por isso, por ter conseguido vencer dois estágios em um mesmo intervalo de tempo, preciso expressar minha gratidão a essas mulheres lindas e profissionais incríveis. Regina e Gilka... eu só consegui porque foi com vocês.

Agradeço ao pessoal da comunicação e assistência técnica, da secretaria, do protocolo, a direção do campus – Bella e Félix, vocês são maravilhosos. Muito obrigado.

Agradeço ao pessoal da limpeza, da cozinha, da segurança e do “faz de tudo um pouco” do campus IV. Vocês são demais!

Agradeço a Natália Tamara, Irene Apolinário e a Allan Cerqueira (*In memoriam*). Cada um de vocês foi o meu chão em momentos da minha existência. Serei grato pela vida inteira.

Agradeço aos artistas e educadores saudenses por acreditar que deveríamos ser mais próximos uns pelos outros: Adão Fernandes, Oton Andrade, Marlúcia Ribeiro,

Eliana e Zelito Moura, Vinicius Oliveira, Benedito Oliveira, Isaías Oliveira e Ailton (para mim você é saudense, poeta, se vire).

Agradeço às artistas incríveis e parceiras de sonho no coletivo TAIS (Teatro Afro-Indígena Saudense, Sofia Jaciele e Joanna. Vocês são demais!

Agradeço ao meu amigo Luiz Ribeiro, conhecido popularmente em Saúde como Doutor Plits, por ter se prontificado, na sua condição de vereador, a levar para a Câmara de Vereadores de Saúde o projeto de lei que escrevi para conceder às benzedeiras e rezadeiras de Saúde o título de patrimônio imaterial e cultural do município – tendo a data de 31 de maio como o dia em homenagem a essas mulheres no calendário cultural. Sou muito grato, Luiz. Assim como, estendo a minha gratidão a todos os vereadores e profissionais da casa por terem dito sim à aprovação dessa lei.

Agradeço aos meus colegas de Capim Grosso: Edneide, Neumária, Catarina, Rísia, Tamires, Luciano, Neto, pró Benedita, Suse, Diviane, Manu, Robson, Davi, Mara, pró Perpetua, Quércia, Rísia Carneiro e Soni. Apesar das peças de Toyota, vocês são bacanas demais.

Agradeço a galera que conheci por meio do Programa Nacional dos Comitês de Cultura: Uilma, Iara, Carlinha, Aragonez, Arthur, Marcele, Nalanda, Eliene, Lívia, Elizangela, Oséas, Bia, Tay, Erika, Xo Hã Hi, Criis e todas e todos xs demais colegas. Dividir a luta pelas políticas culturais me deixa mais forte e esperançoso de que poderemos ter uma dignidade alcançada a quem mais precisa no setor cultural.

A todas as professoras e professores que tive até hoje em minha vida. Todo o meu respeito e gratidão.

Por fim, agradeço a todas e todos aqueles que me gostam, admiram, incentivam e fazem do mundo um lugar mais confortável para viver e amar. Muita muita gratidão.

“A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.”

— Davi Kopenawa Yanomami, 2015.

RESUMO

A presente monografia realiza uma escuta sensível e poética das práticas, memórias e identidades das benzedeadas de Saúde, Bahia, reconhecendo-as como sujeitas históricas e guardiãs de saberes ancestrais que articulam fé, cura e poética oral em uma epistemologia viva, insurgente e comunitária. Alicerçada nas epistemologias das benzedeadas do município (D. Nenzinha; D. Lemilza; D. Nilda; D. Bia e D. Dene) e nas perspectivas da Sociopoética e Contracolonialidade (Gauthier, 2024) e da ideia de Performance (Zumthor, 2007), a pesquisa parte da hipótese de que o ofício das benzedeadas compõe um documento social e histórico, capaz de preservar e transmitir saberes, memórias e identidades afro-indígenas. Ao valorizar a palavra proferida como acontecimento e documento, o estudo revela nas rezas, gestos e rituais dessas mulheres uma produção de conhecimento que se firma fora das lógicas coloniais e eurocêntricas. Evidencia-se, assim, uma religiosidade híbrida, sustentada pela força da *oralitura* (Martins, 2021 e 2024) e da negativa às narrativas de histórias únicas (Adichie, 2019), expressas em práticas que configuram medicinas ancestrais e poéticas de resistência. O dom, transmitido entre gerações, inscreve-se como herança espiritual e política, reafirmando a centralidade das epistemologias do negro visto por ele mesmo (Nascimento, 2022). A crença, abordada como forma de resistência cultural, histórica e poética, mostra-se estruturante na vida comunitária, especialmente nas confluências (Bispo dos Santos, 2023) que entrelaçam corpo, território, raça, gênero e classe. Cada bênção, compreendida como performance de cura e resistência, torna-se gesto de linguagem e de existência – uma narrativa viva que, ao conjugar fé, palavra e memória, atua como registro histórico e sociopoético de um povo. Inspirando-se em Evaristo (2005), a pesquisa afirma que rezar é narrar, lembrar e resistir ao esquecimento, reafirmando a “escrevivência” das benzedeadas como documento imaterial que cura e reinscreve no tempo as histórias e saberes orais dos interiores. Diante do risco contemporâneo de desaparecimento dessas práticas, o estudo defende sua preservação enquanto patrimônio imaterial e propõe, na *desconclusância* ou *arrudêa*, um encerramento circular que celebra a continuidade da escuta e da partilha, reconhecendo que, nas benzedeadas de Saúde/BA, a palavra é corpo, memória e fé – poética ancestral afro-indígena que cura, performa, documenta e resiste.

Palavras-chave: Benzedeadas. Identidade. Memória. *Oralitura*. Performance.

RESUMEN

Esta monografía ofrece una escucha sensible y poética de las prácticas, memorias e identidades de las benzedeadas de Saúde, Bahia, reconociéndolas como sujetas históricas y guardianes del conocimiento ancestral que articula la fe, la sanación y la poética oral en una epistemología viva, insurgente y comunitaria. Fundamentada en las epistemologías de las benzedeadas del municipio (D. Nenzinha; D. Lemilza; D. Nilda, 2025; D. Bia y D. Dene) y en las perspectivas de la Sociopoética e Contracolonialedad (Gauthier, 2024) y la idea de Performance (Zumthor, 2007), la investigación parte de la hipótesis de que la práctica de las benzedeadas constituye un documento social e histórico, capaz de preservar y transmitir el conocimiento, las memorias y las identidades afroindígenas. Al valorar la palabra hablada como evento y documento, el estudio revela en las oraciones, gestos y rituales de estas mujeres una producción de conocimiento que se establece al margen de las lógicas coloniales y eurocéntricas. Así, se evidencia una religiosidad híbrida, sustentada por la fuerza de la *oralitura* (Martins, 2021 y 2024) y el rechazo a las narrativas de historias únicas (Adichie, 2019), expresada en prácticas que configuran medicinas ancestrales y poéticas de resistencia. El don, transmitido entre generaciones, se inscribe como patrimonio espiritual y político, reafirmando la centralidad de las epistemologías de la persona negra tal como la perciben ellas mismas (Nascimento, 2022). La creencia, abordada como una forma de resistencia cultural, histórica y poética, resulta estructurante en la vida comunitaria, especialmente en las confluencias (Bispo dos Santos, 2023) que entrelazan cuerpo, territorio, raza, género y clase. Cada bendición, entendida como una performance de sanación y resistencia, se convierte en un gesto de lenguaje y existencia: una narrativa viva que, al combinar fe, palabra y memoria, actúa como registro histórico y sociopoético de un pueblo. Inspirada en Evaristo (2005), la investigación afirma que orar es narrar, recordar y resistir el olvido, reafirmando la “*escrevivência*” de las benzedeadas como un documento inmaterial que sana y reinscribe en el tiempo las historias orales y el conocimiento de los interiores. Ante el riesgo contemporáneo de la desaparición de estas prácticas, el estudio defiende su preservación como patrimonio inmaterial y propone, en la *desconclusância* o *arrudêa*, un cierre circular que celebra la continuidad de la escucha y el compartir, reconociendo que, en las benzedeadas de Saúde/BA, la palabra es cuerpo, memoria y fe: una poética afroindígena ancestral que sana, performa, documenta y resiste.

Palabras clave: Benzedeadas. Identidad. Memoria. *Oralitura*. Performance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Antiga Praça Ruy Barbosa, Saúde/Bahia	15
Figura 2: Bandeira da cidade de Saúde/Bahia	21
Figura 3: Praça da Bandeira, Saúde/BA.....	30
Figura 4: Cachoeira dos Payayá, Saúde/BA.....	31
Figura 5: Família da comunidade quilombola Grota das Oliveiras, Saúde/BA	33
Figura 6: Igreja da Matriz, Saúde/BA	34
Figura 7: Mapa do Território de Identidade do Piemonte da Diamantina.....	35
Figura 8: Trem das Grotas	36
Figura 9: Vilebaldo S. de Jesus sendo benzido por D. Nilda.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO OU CHEGANÇA	15
1 AS BENZEDEIRAS DA CIDADE DE SAÚDE/BA: IDENTIDADE, MEMÓRIAS E UMA POÉTICA A SER DOCUMENTADA	21
1.1 IDENTIDADE, CULTURA E RELIGIOSIDADE	22
1.2 O CHAMAMENTO SAGRADO: O DOM ENSINADO DE GERAÇÃO A GERAÇÃO	23
1.3.1 Medicinas populares: rezas, orações, cantigas, ervas e rituais	24
2 ABENSONHADAS: A CRENÇA COMO RESISTÊNCIA, CULTURA E TRADIÇÃO	27
2.1 UM POUCO SOBRE O ARRAIÁ DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE	30
2.1.1 Os Payayá	31
2.1.2 Quilombolas	32
2.1.3 Sertanistas e padres	34
2.1.4 Posseiros, jagunços, garimpeiros e pilungas	35
2.1.5 O Trem das Grotas	36
2.2 A CONFLUÊNCIA DE MULHERES PRETAS, INDÍGENAS, SERTANEJAS E DA ROÇA	37
3 A POÉTICA ORAL DAS BENZEDEIRAS DE SAÚDE/BA	39
3.1 HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIOPOÉTICA: VOZES, BRAÇOS E FOLHAS QUE REZAM	40
3.2 A FÉ E A <i>ORALITURA</i> : A FUNÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DAS BENZEDEIRAS	40
3.3 ENTRE A CURA E A CHAGA: O ESQUECIMENTO DA PRÁTICA DE BENZIMENTO?	41
3.3.1 Toda poesia é uma reza para não lembrar?	42
3.3.2 Toda reza é uma poesia para não esquecer?	43
<i>DESCONCLUSÂNCIA OU ARRUDÊA</i>	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	51
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO OU CHEGANÇA

“A vida não é útil, ela é para ser vivida. E vivida em sua multiplicidade, não em sua redução a algo que deve ser útil. O que é útil é o que se transforma em instrumento de dominação, que diminui a riqueza da experiência humana.”

– Ailton Krenak, 2019, p. 15.



Figura 1: Antiga Praça Ruy Barbosa, Saúde/Bahia, 19??.

Fonte: acervo de Floriceia Azevedo.

Chegar é sempre também retornar¹, lembrando que todo começo se inscreve numa continuidade de passos, bençãos e memórias. Assim, este trabalho se inicia como quem chega à roda para ouvir e narrar, mas também como quem retorna ao lugar de onde nunca partiu de fato: a terra fértil da oralidade, da fé e das práticas de cura das benzedadeiras da cidade de Saúde, na Bahia. Já que sinto como se fôssemos um rio e “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio – ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios e se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente”². A partir dessa ideia me dei a liberdade de ver a prática das benzedadeiras não somente como uma expressão de religiosidade e fé, mas também como uma prática de documentação histórica e social de ancestralidades afro-indígenas que se relaciona com aspectos poético-literários – os quais chamarei aqui diversas vezes de *oralitura*³.

Este estudo, logo, propõe-se a tecer um registro poético e crítico das práticas, memórias e identidades que compõem o universo das benzedadeiras saudenses, entendendo-as como sujeitas históricas, guardiãs de saberes ancestrais, corpos-poemas e produtoras de memória viva. Em Saúde/BA, território marcado por confluências de povos – indígenas Payayá, quilombolas, sertanejos e outros, as benzedadeiras emergem como mulheres que, por meio da reza, da palavra e das ervas, da poesia orgânica da vida, da performance⁴ e da *oralitura*, mobilizam um saber insurgente⁵, situado fora das lógicas dominantes da racionalidade ocidental dita evolucionada.

A importância deste trabalho se ancora, portanto, em três dimensões centrais:

¹ Ditado da tradição oral.

² Ideia apresentada pelo pensador quilombola Nêgo Bispo no seu livro “A terra dá, a terra quer” (2023, UBU Editora).

³ Neologismo que une as palavras “oral” e “literatura”. Conferir as obras “AFROGRAFIAS DA MEMÓRIA: o reinado do Rosário no Jatobá (2021)” e “PERFORMANCES DO TEMPO ESPIRALAR: poéticas do corpo-tela (2024)”, de Leda Maria Martins.

⁴ Performance, segundo Paul Zumthor (1997; 2005; 2007), é a materialização e atualização de um texto poético na presença física. Do corpo, voz e gestos do emissor, sendo um evento singular e efêmero onde o ouvinte/receptor desempenha papel fundamental para reconhecer e concretizar a mensagem, transformando a virtualidade do texto escrito em experiência viva e presente através do ato da leitura/escuta. Ele foca na oralidade e na voz como elementos centrais dessa experiência, conectando poesia, história e linguagem de forma inovadora.

⁵ O conceito de “insurgência” é abordado por diversos teóricos em diferentes campos. Os autores que falam sobre insurgência geralmente a relacionam a movimentos sociais, resistência a estruturas de poder e lutas por direitos ou transformação social. Sempre em desafio às narrativas eurocêtricas e dominantes. Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Achille Mbembe apresentam em suas obras o conceito.

1. Identitária: compreender as benzedeiros como parte constitutiva da identidade cultural e religiosa do município baiano a partir da escuta das mesmas;
2. Memorial: registrar e refletir sobre as narrativas orais, rezas e performances que, transmitidas entre gerações, garantem a continuidade de uma poética de cura;
3. Poético-histórica: valorizar a poética oral e a fé como resistências frente ao epistemicídio⁶ histórico no município e região, reconhecendo nas benzedeiros uma epistemologia que desafia há muitos anos esse apagamento histórico e tantas outras violências epistêmicas e reafirma modos de saber e viver silenciados pela colonialidade⁷, considerando-as corpos-poesia.

A experiência com a observação das benzedeiros pode ser confessada como uma forma de afrografia ritual⁸, aquela que é

ao contrário do texto escrito, que guarda a palavra, oferecida circunstancial e solitariamente a seu leitor, que com ela estabelece ou não vínculos de prazer, de saber e de reescritura, a palavra oral existe no momento de sua expressão, quando articula a sintaxe contígua, através da qual se realiza, fertilizando o parentesco entre os presentes, os antepassados e as divindades (Martins, 2021, p. 184).

Já que suas rezas e benzimentos, muitas vezes sussurrados no terreiro, no quintal ou pertinho da área de casa, funcionam como arquivos vivos das ancestralidades afro-indígenas e sertanejas, reiterando que o conhecimento e a história não se guardam apenas em livros, mas, também, na oralidade e nas experiências comunitárias. Algo que reflete como se sucedeu a minha pesquisa:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de uma amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a

⁶ Epistemicídio, segundo Sueli Carneiro, é a destruição sistemática de conhecimentos, saberes e culturas dos povos negros e não-brancos, um instrumento eficaz de dominação racial que nega sua capacidade de produzir conhecimento legítimo, marginalizando-os como "não-ser" e promovendo a hegemonia eurocêntrica, sendo fundamental para entender o racismo estrutural no Brasil, especialmente nas escolas e na academia.

⁷ A colonialidade, segundo Nêgo Bispo, é a permanência das lógicas de dominação e exploração do colonialismo na sociedade moderna, impondo o saber ocidental como único, subjugando saberes ancestrais e promovendo um desenvolvimento que destrói a natureza e explora as pessoas.

⁸ Conferir o capítulo "Afrografia Rituais", da obra "AFROGRAFIAS DA MEMÓRIA: o reinado do Rosário no Jatobá (2021)", de Leda Maria Martins.

pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (Bosi, 2023, p. 40).

Conceição Evaristo (2005, p. 45) nos lembra que a *escrevivência* é a escrita de si e de um povo, onde memória e corpo se entrelaçam como testemunho e resistência. Essa perspectiva orienta o tom da presente monografia, que busca narrar academicamente o diálogo entre as falas das benzedeadas com um campo teórico numa perspectiva contracolonial⁹ – sem sufocar a poética da palavra, sem dessacralizar o gesto que cura, porém, reconhecendo-os como produção de conhecimento – um registro literário “oral” que em sua essência e performance é documento histórico.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se fundamenta na escuta atenta e na memória oral, inspirada na perspectiva da sociopoética (Gauthier, 2024), que compreende a produção de saber a partir da experiência coletiva e da voz daqueles que carregam a tradição. Leda Maria Martins (2024, p. 21), ao falar de *oralitura*, aponta que a oralidade é também escritura, é texto vivo inscrito no corpo e no tempo. Assim, ouvir as benzedeadas de Saúde é também ler suas rezas, suas gestualidades, suas pausas e silêncios.

Neste sentido, a metodologia adotada assume o caráter performático da palavra, em sintonia com a noção de performance de Paul Zumthor (2007, p. 67), para quem a oralidade não é apenas transmissão, mas acontecimento. A palavra da benzedeadas, quando proferida, mobiliza forças que ultrapassam o mero discurso: é gesto que cura, ritmo que afasta o mal, sopro que atravessa gerações.

A escolha do termo “chegança”¹⁰ como título desta introdução não é aleatória. Evoca as festas populares, as encenações dramáticas da cultura nordestina, e aqui assume o sentido de aproximação ritualística: é preciso chegar com cuidado, com reverência e com humildade, diante de quem guarda saberes milenares. A chegança é rito de entrada, convite à escuta e ao aprendizado, gesto que antecede a partilha. Esta monografia não

⁹ Para Nêgo Bispo, o contracolonial não é uma teoria, mas uma prática, um modo de vida e uma resistência dos povos quilombolas e indígenas contra o colonialismo, defendendo modos de vida circulares e comunitários, em oposição ao tempo linear e à lógica de dominação eurocêntrica, propondo a “contracolônização” como uma forma de defender a vida e os territórios. Ele diferencia do decolonial, pois seus povos nunca foram colonizados e, portanto, não precisam “se decolonizar”, mas sim “contrariar” ativamente o colonialismo com sua própria experiência de vida.

¹⁰ Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro (2000, p. 29), de Luís da Câmara Cascudo: Forma teatral de enredo popular, com melodias cantadas, tratando de assunto religioso ou profano, representada no ciclo das festas do Natal (dezembro-janeiro). Lapinhas, pastoris, fandango ou marujada, chegança ou chegança de mouros, Bumba-meu-boi, boi, boi calemba, boi de Reis, congada ou congos etc.

pretende decifrar ou esgotar tais práticas, mas, antes, documentar, refletir e copoetizar com elas, respeitando o mistério que lhes é próprio. Por se tratar de uma pesquisa que utilizei como método científico “entrevistas narrativas”¹¹ a partir de um roteiro de conversa – e, de modo óbvio, essas entrevistas foram gravadas em áudio e em seguida transcritas –, coloquei-me frente a uma difícilíssima responsabilidade. Pois como relata Doralice F. Xavier Alcoforado (2007, p. 4-5):

O texto poético oral não se restringe a um contexto enunciativo exclusivamente verbal. Aspectos translinguísticos, específicos do discurso oral, associam-se à voz para lhe dar mais concretude, como os gestos, a dicção entonacional, as pausas, a mímica facial, os movimentos do corpo, até mesmo o estímulo da plateia, que não reduzem a oralidade à ação exclusiva da voz. Esses procedimentos não verbais, que imprimem mais força, expressividade e realismo ao texto, constituem questão delicada, difícil e, por vezes, impossível de ser codificada, quando da passagem do texto oral para a modalidade escrita, no momento da transcrição.

A pesquisa transformou-se em experiência de escuta: ouvir vozes que atravessam gerações, perceber gestos que curam, acompanhar rezas que se repetem sem jamais se esgotar. Como afirma Edil Costa (2015, p. 69-70):

Nos conflitos coloniais, os africanos no Brasil, se associaram aos indígenas, também, oprimidos, e também a brancos de baixa condição. Os quilombos eram grandes aldeias mestiças que acolhiam negros, brancos, índios, unidos pela marginalidade. Sabe-se ainda que negros refugiados contaram com a colaboração de nativos e se aquilombaram em aldeias, tornando inevitáveis as trocas culturais. Assim puderam continuar seus ritos, remontando ao seu ambiente nativo e estabelecendo correspondências com o que encontraram. Graças às formas semelhantes de se relacionar com a natureza, as matas brasileiras forneceram aos negros as ervas para seus rituais e curas, e eles aprenderam novas receitas com os pajés.

¹¹ A entrevista narrativa é uma técnica de pesquisa qualitativa que se concentra em coletar histórias de vida para aprofundar a compreensão de um fenômeno social a partir das experiências pessoais dos entrevistados. Para Jovchelovich e Bauer (2002), as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Ao se trabalhar com narrativas dos sujeitos das pesquisas, o pesquisador tem acesso não só à experiência vivida e narrada, como também à ressignificação da história a partir da sua narrativa, constituindo um trabalho de reconstrução daqueles momentos e experiências.

Assim, este trabalho organiza-se em três capítulos, além desta *chegança* e de uma *desconclusância*:

- Capítulo 1: percorremos as trilhas da identidade, cultura e religiosidade das benzedeiros de Saúde, valorizando suas memórias, curas e a transmissão geracional dos dons;
- Capítulo 2: ampliamos o olhar para o contexto social e histórico da cidade, atravessada por apagamentos, conflitos, migrações e resistências, destacando o papel das mulheres pretas, indígenas e sertanejas na preservação cultural;
- Capítulo 3: dialogamos na poética oral das benzedeiros, explorando a função histórico-social de suas práticas e o risco do esquecimento, tensionando poesia e reza como linguagens de registro de memória e resistência, além de versarmos as benzedeiros enquanto corpos-poema;
- *Desconclusância* ou *Arrudêa*: o texto não encerra, mas gira, reconhecendo que o conhecimento das benzedeiros não se finaliza em palavras acadêmicas, mas continua em cada corpo, em cada oração, em cada folha que reza.

A *chegança*, portanto, está feita. É tempo de escutar as vozes, sentir os cheiros das ervas, acompanhar os gestos que curam. É tempo de deixar-se atravessar pela palavra que benze, reconhecendo-a como documento histórico e sociopoético de valor literário brasileiro que, como nos lembra Lilia M. Shwarcz (2006, p. 48), “a literatura brasileira, ao longo de sua história, tem sido um espaço de resistência e reconstrução de identidades, onde o sujeito social marginalizado encontra maneiras de se afirmar e se representar”. E aqui, a *oralitura* das benzedeiros não se dissocia da fé e do sagrado, da memória e da poética, da identidade e da cura. Nisto, as benzedeiros são as suas próprias poetisas, historiadoras, intelectuais e, acima de tudo, poetisas.

1. AS BENZEDEIRAS DA CIDADE DE SAÚDE/BA: IDENTIDADE, MEMÓRIAS E UMA POÉTICA A SER DOCUMENTADA

“Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.”

– Provérbio africano transcrito por Amadou Hampâté Bâ



Figura 2: Bandeira da cidade de Saúde/Bahia, 2025.

Fonte: acervo municipal.

As benzedeadas representam muitas frentes da pouco documentada história saudense, entretanto essa história resiste por meio da oralidade. Segundo o historiador e sociólogo Paul Thompson (1992, p. 22),

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança: isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação: pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

As benzedeadas da cidade de Saúde, localizada no sertão da Bahia, não são apenas personagens folclóricas ou guardiãs de práticas arcaicas. São sujeitas sociais, políticas e espirituais, que sustentam, por meio da oralidade e da fé, uma rede de cuidado, solidariedade e resistência. A cidade, marcada por sua pequena dimensão territorial e por histórias de migração, trabalho árduo e manifestações religiosas, é também território de cura, onde ervas, rezas e gestos se inscrevem como escritura viva.

A memória das benzedeadas é, ao mesmo tempo, arquivo e performance. Como lembra Paul Ricoeur (1997, p. 381):

Uma vez que entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal; o passado nos interroga e questiona antes que o interroguemos e o questionemos.

Assim, cada reza pronunciada no quintal de uma casa sertaneja reinscreve, no agora, uma cadeia de saberes ancestrais que remontam a matrizes indígenas, africanas e sertanejas. Conceber as benzedeadas como poetas do cotidiano é reconhecer que suas palavras curativas são também textos performáticos, que produzem efeitos no corpo e na comunidade. Leda Maria Martins (2021) chama atenção para a vida que pulsa no corpo e na oralidade, como campo de produção estética e política. Nesse sentido, as benzedeadas de Saúde materializam a *oralitura* em cada bênção que ofertam, em cada reza que atravessa gerações.

1.1 IDENTIDADE, CULTURA E RELIGIOSIDADE

A identidade das benzedeadas é plural e híbrida. Trata-se de mulheres que, em sua maioria, se reconhecem na tradição católica popular, mas que também mobilizam símbolos e práticas de matriz africana e indígena. Stuart Hall (2006) nos lembra que identidade não é essência fixa, mas processo em constante negociação. Assim, a identidade das benzedeadas se constitui na encruzilhada de diferentes cosmovisões, atravessada pela fé em santos católicos, orixás e pela reverência aos encantados e pelo uso de ervas herdado dos povos originários.

A religiosidade dessas mulheres não se limita a dogmas institucionais. É uma religiosidade encarnada no corpo e na prática cotidiana: fazer o sinal da cruz sobre a

criança febril, soprar palavras sobre a ferida, entoar cantigas que embalam o sofrimento. Trata-se, como aponta Leda Martins (2021 e 2023), de uma performance, na qual a palavra é também gesto, rito e escritura. O corpo da benzedeira é, portanto, livro vivo, onde se inscreve a fé coletiva. As benzedeiros não estão à margem, mas no centro simbólico da vida comunitária, articulando o sagrado e o profano, o individual e o coletivo.

1.2 O CHAMAMENTO SAGRADO: O DOM ENSINADO DE GERAÇÃO A GERAÇÃO?

Ser benzedeira não é fruto de uma escolha comum. Muitas relatam que receberam um chamamento – uma voz interior, um sonho, um sinal divino, ou mesmo a transmissão direta de uma pessoa próxima ou familiar. Esse dom, considerado sagrado, é frequentemente descrito como um fardo e/ou uma missão: quem o recebe não pode negá-lo sem sofrer consequências espirituais. “Em se tratando do poder de cura em suas orações ficou evidente que, para as benzedeiros (...), elas já nasceram com esse dom dado por Deus, e que mesmo que tenham por algum momento relutado, não conseguiram mais se desvencilhar dele” (Moura, 2019, p.35). O dom, no entanto, não é estático. Ele se transmite, se ensina e se reinventa – de maneira intuitiva e quase que divina. Segundo D. Nenzinha (2025, 89 anos) ela começou o ofício de benzedeira aos 19 anos e aprendeu com a cunhada. D. Dene (2025, 63 anos) diz que começou a benzer com 7 anos de idade e que foi um dom dado por Deus. D. Bia (2025, 75 anos) diz que começou a benzer com 18/19 anos e que foi ensinada por uma tia. D. Nilda (2025, 83 anos) diz que começou com aproximadamente 30 anos a partir de um sonho uma mulher do cabelo enorme lhe ensinou as rezas. Já D. Lemilza (2025, 88 anos) disse:

Ninguém me ensinou nada não. Quem me ensinou foi uma mulher vestida de árvore, que apareceu no céu, em cima da casa assim. E me ensinou. Pai nosso, a Salve Rainha.

– Vestida de quê?

Vestida de planta. Uma mulher mesmo assim franzina como essa daí (amiga que estava comigo) comparando mau.

– E a senhora sabe o nome dessa mulher?

Eu perguntei a ela, disse que me mostrava ela, mas não dizia o nome. E que me ensinava a rezar, como me ensinou o Crem Deus Pai. Ela ensinou o Crem Deus Pai e a Salve Rainha, lá de riba, e eu aprendi.

- Em cima da casa?
- Em riba da casa, da minha casa.
- E a senhora tinha quantos anos nessa época?
- Ah, nesse tempo, uns 15 anos.

O ensinamento das benzedeadas é oral, gestual, silencioso: uma avó que ensina a neta a rezar “contra o quebranto”; uma vizinha que compartilha a mistura de ervas para um chá; uma mãe que sopra uma cantiga no ouvido da filha. Ou, como foi nos casos de Dona Nilda e Dona Lemilza, uma experiência com o mistério e o sagrado. “A magia e nela a benzedeadas, assim como a religião, lida com forças transcendentais ao homem e ao mundo, porém o que muda é que a magia não é personificada nem antropomorfizada” (Azevedo; Lemos, 2018, p. 123). Essas memórias se encontram num espaço de entre – entre-lugar e e entre-saber – quase como uma pedagogia de encruzilhada. Como destaca Luiz Rufino (2019, p. 84-85),

as culturas negro-africanas em diáspora ressignificaram, aqui, seus modos de vida na relação com o tempo/lugar e as suas ecologias de pertencimento. Assim, toda a relação entre os praticantes, seus saberes e as culturas forja práticas e contextos educativos próprios, fundamentando pedagogias mantenedoras de processos históricos, de circulação de experiências e de modos de sociabilidade únicos e intangíveis. Partindo da ideia de que a diversidade de práticas sociais existentes no mundo indica a diversidade epistemológica, podemos considerar o mesmo argumento em torno da diversidade de formas de educação e de produção de pedagogias.

1.2.1 Medicinas populares: rezas, orações, cantigas, ervas e rituais

A prática das benzedeadas de Saúde articula diferentes dimensões da medicina popular:

- Rezas e orações: fórmulas verbais que, muitas vezes, misturam religiosidades, orações antigas e expressões populares. A exemplo a tradicional reza, “com dois te botaram com três eu te tiro (...)”¹² que é repetida três vezes.

¹² Reza tradicional da cultura popular, que tem por base inicial uma mesma estrutura, mas que é alterada a segunda parte a depender da região e da base religiosa de quem está benzendo (ou rezando).

- Cantigas: normalmente são rezas acompanhados de gestos rítmicos. A exemplo o Pai Nosso.
- Ervas: arruda, alecrim, manjerição, boldo, vassourinha, pião roxo, pitanga, aroeira, entre tantas outras, que são colhidas no próprio quintal – ou terreiro de casa – e utilizadas em benzimentos, chás, banhos e defumações.
- Rituais: gestos e dizeres repetidos, como o sinal da cruz, o sopro, o passar da folha sobre o corpo, que produzem o efeito simbólico da cura.

Essas medicinas populares revelam um saber complexo e articulado, que combina empirismo, espiritualidade e poesia. Como lembra Sueli Carneiro (2005), os saberes das mulheres negras e pobres foram historicamente subalternizados, mas constituem-se como epistemologias resistentes, capazes de oferecer respostas concretas às necessidades de suas comunidades. As curas realizadas pelas benzedadeiras não são apenas fisiológicas, mas simbólicas e relacionais. Muitas vezes, curar significa restaurar vínculos, renovar a esperança e acolher o sofrimento. Ao benzer uma criança “quebrada” ou um adulto “com mau-olhado”, a benzedeira reintegra o sujeito à comunidade, produzindo saúde no sentido ampliado, como propõe a OMS¹³.

As benzedadeiras de Saúde, assim, são guardadoras de um patrimônio imaterial que não se encontra em bibliotecas, mas nas casas simples, nos terreiros e nas roças, nos quintais cheios de ervas, nos corpos que rezam. Sua poética é também política, afinal manter viva a reza é resistir ao apagamento histórico proposto pelo colonialismo. Deste modo vale ressaltar, “as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (Adichie, 2019, p.32).

Talvez o mais importante não seja registrar de forma definitiva, mas manter viva a memória, permitir que a palavra continue a circular, que a fé continue a pulsar, que o gesto continue a tocar corpos e corações. E que possamos ter o deslumbramento de observar, sentir e viver essas palavras, esses gestos e imagens. É como nos desperta Leda Maria Martins (2024, p. 77-78), embora normalmente valorizemos as imagens por sua

¹³ Organização Mundial da Saúde (1948).

dimensão visual, seguindo a tradição eurocêntrica de associá-las ao olhar, é preciso reconhecer que elas também podem ser sonoras e cinéticas, dimensões que se articulam entre si. Nas produções estéticas mencionadas, a escuta muitas vezes antecede o ato de ver, pois também participa da formação e do registro das imagens, que se oferecem simultaneamente ao olhar e ao ouvido. Essa relação interdependente, segundo ele, amplia não apenas a visão, mas toda a percepção sensorial, já que escutar as imagens abre acesso a um universo onde movimentos, sons, luzes e aromas adquirem cores e compõem paisagens de saberes – espaço central das *oralituras*.

2. ABENSONHADAS: A CRENÇA COMO RESISTÊNCIA, CULTURA E TRADIÇÃO

“Olha, um dia eu morava na Lagoinha, lá de Jacobina. E eu tava sonhando, que dizia que eu tava lá naquela lagoa grande. Lá na lagoa de Antônio Sobrinho. Diz que em cima de uma pedra. Aí quando eu tô sentada em cima da pedra, apareceu um galo de ouro. Um galo todo de ouro de junto de mim. Um galo todo de ouro (...) aí chegou uma moça. A mesma moça:

– Vum bora ali?

Aí eu disse:

– Eu não vou, não, que você vai me afogar.

Ela disse:

– Não, fecha os olhos.

Aí eu fechei os olhos no sonho. Quando eu fechei os olhos, (...) eu tava numa casa toda cheia de flor. Flor de todo lado. Aí eu fiquei por ali. Tanto jardim, tanta coisa bonita. Aí fiquei por ali. Aí depois eu disse:

– Eu quero ir embora.

Eu dizendo no sonho, né?! Mas fiquei muitas horas mais ela lá. Ela ia me mostrando as coisas. Aí eu disse:

– Eu quero ir embora.

Ela disse:

– Fecha os olhos.

Quando eu fechei os olhos, eu tava dormindo? Eu tava acordada na cama. Acordei na cama chorando... mais chorei pra me acabar na cama.

Aí ele (o esposo) perguntou:

– O que é que tu tem?

E eu respondi:

– Nada. Não tenho nada, não.”

– Dona Nilda, 2025, 83 anos.

Ser *abensonhada*¹⁴, no sertão da Bahia, é carregar no corpo e na voz o sopro da bênção. É o estado de quem vive a fé como prática cotidiana, mas também como gesto de resistência. O termo, aqui, é tomado como metáfora: aquelas que são habitadas pelo sonho e pelo sagrado, mulheres que, ao rezar, curar e cantar, produzem continuidade histórica e cultural. Cultura esta, que não se limita ao que chamam de popular – nem cabe a qualquer outro, na verdade. Como diz Nêgo Bispo (2019, p. 27),

esse é o saber orgânico, aquele que diz respeito ao ser. O outro, o saber sintético, é aquele que envolve ter. Por isso, para nós, não se sustenta de que a academia produz ciência e nós produzimos saber popular. Essa nomeação é por demais colonialista, feita para nos esvaziar. Que popular é esse? Popular de quem? Produzimos saber quilombola, saber indígena, saber do povo de terreiro. Esses saberes têm nomes. Popular é uma palavra vazia.

Em Saúde/BA, infelizmente, pouco se documenta e pouco se tem documentado a partir da visão do próprio povo – eis a importância de se ter autonomia para contar a própria história. Afinal, ser *abensonhada* é uma forma de resistência que denuncia uma força de tradição que expõe – ainda que de maneira oral somente – parte da história e da cultura de um povo. Sendo assim, é preciso que haja a voz desse próprio povo sendo ouvida, escrita e compartilhada. Como salienta Neusa Santos Souza (2021, p. 45), uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se

¹⁴ Neologismo que une os núcleos das palavras “abençoada” e “sonhada”. Inspirei-me no livro de contos “Estórias *abensonhadas*” (2012), do Mia Couto.

faz muito mais significativo quando mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

O ato de benzer e rezar não é apenas uma amostra religiosa, é força política e cultural. É ele quem mantém viva as documentações orgânicas das vivências de pessoas que para sobreviver recriaram o próprio existir, o próprio crer, o próprio curar e, por seguinte, o próprio documentar. Como lembra Homi Bhabha (2024), a cultura é sempre espaço de negociação e tradução, nunca estática. Assim, a crença se reinventa entre gerações, adaptando-se às mudanças sociais, sem, contudo, perder sua força de resistência.

O processo de produção e de reprodução do saber da benzeção é o mesmo que mantém vivas e sólidas as formas e questões substantivas pelas quais as benzedeadas resistem à opressão feita pela classe dominante. E como cria alternativas para a experiência religiosa e médica, ainda que muitas vezes as exprima sobre formas conformistas, resignadas e fatais (Oliveira, 1985:45).

A crença, portanto, não se opõe à razão, mas se constitui como outra forma de racionalidade – uma racionalidade afetiva, poética e comunitária, que garante pertencimento. Nesse sentido, a prática das benzedeadas e a fé popular revelam aquilo que Leda Maria Martins (2024) chama de Performances do Tempo Espiral, poéticas que atuam de modo circular utilizando o corpo, a memória e a ancestralidade para expressar conhecimentos e temporalidades que resgatam e celebram práticas de matriz africana e outras culturas fora de uma lógica linear de tempo.

2.1 UM POUCO SOBRE O ARRAIÁ DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE



Figura 3: Praça da Bandeira, Saúde/BA, 19??.

Fonte: Acervo Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

Segundo Almeida (1997, p. 12-13), “o arraial teve seu início na antiga praça da Matriz – Praça da Bandeira atualmente –, com a construção de uma igreja e casas cobertas de palhas. Depois construíram outra igreja, onde está o cruzeiro e que foi terminada em 1777, data inscrita no frontispício sobre a porta principal”. Acontecimento que denuncia as marcas da colonialidade onde se demarca um local por meio da cruz e/ou violência de apagamento histórico, articulando-as, ironicamente como símbolos de civilidade e modernização.

A cidade articula diferentes camadas históricas e culturais, resultantes da confluência de povos e grupos sociais que ocuparam a região – indígenas, quilombolas, sertanistas, garimpeiros, pilungas, sertanejos etc. Esse mosaico de presenças revela a complexidade identitária de Saúde, onde sobrevivência, fé, trabalho e cultura se entrelaçam. De acordo com Raimundo Moraes Pereira (2004, p. 19-20):

Poucos sabem sua história, como nasceu, como vem crescendo, seu povo lutando contra a incompreensão de alguns, felizmente compreendida por outros. Isto não se constitui uma exceção, nem uma novidade, outras localidades nasceram e cresceram do mesmo modo e por isto todas têm a sua própria história que precisa ser contada, precisa ser conhecida.

2.1.1 Os Payayá

*“Quem duvida que o rio é fruto
Da cópula entre vento e a tempestade?
Pois sim! O vão da cordilheira.
É a vulva da vindima oculta.
Depois da cachoeira o rio ainda cresce.”*

– Payayá, 2018, p. 96.



Figura 4: Cachoeira dos Payayá, 2025, Saúde/BA.

Fonte: Acervo Pessoal.

Os Payayá, povo originário dessa parte do sertão baiano, carregam em sua cosmovisão a relação íntima com a terra, as plantas, as árvores – vale destacar, a relação com a sua árvore mãe, a gameleira – e os espíritos da mata branca. Muitos dos saberes de cura praticados pelas benzedadeiras têm raízes indígenas, como o uso ritualístico das ervas, as defumações e o respeito às forças da natureza. Como lembra Ailton Krenak (2019), a terra é corpo vivo, e os saberes indígenas ensinam a manter essa relação de reciprocidade.

A forma como as famílias ocupavam o espaço e as trocas de mercadorias tornariam duas aldeias quase que uma área só, pois a distância entre os núcleos reduzia-se, fortalecendo os laços comunitários que se manifestavam nos rituais indígenas, ou na realização de algumas formas de cooperação (mutirão, adjutório). Eram famílias para a produção direta, formando uma unidade indígena. O conhecimento e domínio de um território funcionava como fator de identificação e troca, com base física comum, inalienável, dando sentido à relação entre os grupos domésticos. A aldeia tinha a disposição de ruas e, em Itacurubi, havia um pátio largo, onde uma praça fechava a área. As casas eram de pau-a-pique e sapê, cercadas pelo mato ou capoeira, utilizados na medida da necessidade. Com frequência, os Paiaias mudavam de casa e roçado, seja pela realização de um casamento ou em busca de melhores condições de sobrevivência (Pereira, 2004, p. 21).

Em Saúde, por conta do processo de colonização, os Payayá foram perseguidos, assassinados, estuprados e tantas e tantas outras violências mais sofridas – algo que ficou reproduzido pela oralidade de tempos em tempos, tamanha a violência herdada desde a Guerra dos Bárbaros.¹⁵

2.1.2 Quilombolas

¹⁵ Conjunto de impiedosos conflitos, do século XVII e XVIII, onde criadores de gado, apoiados pelo Estado, se uniram para exterminar os “tapuia” – indígenas que se recusavam a terem suas terras roubadas e à submissão. Ver: *A guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão. Nordeste do Brasil, 1650-1720*, do Pedro Puntoni.



Figura 5: Família da comunidade quilombola Grota das Oliveiras, Saúde/BA, 2006, indo para a escola com os seus animais.

Fonte: arquivos pessoais de Joseline Sena.

Segundo Kabengele Munanga (1996, p. 58, 63), o termo *quilombo* tem origem bantu (*kilombo*) e chegou ao Brasil junto com diferentes povos dessa matriz linguística que foram trazidos e escravizados. Na tradição desses grupos, o conceito estava associado a uma instituição que reunia homens de diversas linhagens, submetidos a rituais intensos de iniciação que os deslocavam de seus vínculos familiares e os integravam como guerreiros considerados invulneráveis. Com o tempo, o quilombo se constituiu como uma instituição transcultural, influenciada por culturas como lunda, imbangala, mbundu, kongo e ovimbundu, entre outras. Assim, passou a representar espaços de formação para a resistência, abertos a todos os oprimidos – negros, indígenas e brancos – e antecipando um modelo de convivência plurirracial ainda não plenamente alcançado pelo Brasil.

O quilombo é memória que não acontece só para os negros, acontece para a nação. Ele aparece, ele surge nos momentos de crise da nacionalidade. A nós não nos cabe valorizar a história. A nós, cabe ver o continuum dessa história. Por que Zumbi queria fazer a nação brasileira, já com índios e negros integrados dentro dele. Ele queria empreender um projeto nacional de uma forma traumática. Mas não tão traumática quanto os ocidentais fizeram, destruindo culturas, destruindo a história de povos dominados! (Nascimento, 2018, p. 337).

A reflexão feita por Beatriz Nascimento expõe o que os quilombos representam a nível nacional. A presença quilombola na região saudense, não diferente, também deixou marcas profundas na história social. Os cantos, a oralidade, a centralidade e o sofrimento do corpo e da ancestralidade negra atravessam as práticas de cura das benzedeiças. A reza que afasta o mal muitas vezes ecoa os cânticos de resistência dos quilombos.

2.1.3 Sertanistas e padres



Figura 6: Igreja da Matriz, Saúde/BA, 19??.

Fonte: Acervo Paróquia Nossa Senhora da Saúde.

A colonização também trouxe a presença de sertanistas e padres, que introduziram a devoção católica institucionalizada. Contudo, a religiosidade popular não se limitou ao catolicismo ortodoxo. As benzedeiças articularam santos e orações católicas com rezas populares, criando um catolicismo vivido, enraizado no cotidiano e permeado de sincretismos.

2.1.4 Posseiros, jagunços, garimpeiros e pilungas



Figura 7: Mapa do Território de Identidade do Piemonte da Diamantina.

Fonte: ba.gov.br.

Entre os anos de 1755 e 1772, centenas de garimpeiros extraíram muito ouro na área das terras do Papagaio até as Serras da Maravilha, nas terras do Alto da Saúde. Entre os mineradores encontrava-se o famoso bandeirante baiano João Romão Gramacho Falcão. Este bandeirante, filho de Oliveira dos Brejinhos, próximo a Santo Amaro da Purificação, construiu, às suas expensas, a Igreja de São Miguel, na Serra das Figuras, do povoado do então Papagaio, atual Caen (Pereira, 2004, p. 37).

Os sertões da Bahia foram também palco de conflitos de terra, disputas políticas e práticas de garimpo. Posseiros, jagunços, garimpeiros e pilungas¹⁶ (os errantes, andarilhos) cruzaram essas terras, deixando marcas de violência e instabilidade. Nesse contexto, as benzedadeiras surgem como figuras de cuidado comunitário, oferecendo amparo diante da precariedade social e da ausência de políticas públicas de saúde. A cidade de Saúde passou por diversas formulações, estruturas e encontros sociais no decorrer da sua história antes de se constituir enquanto município pertencente ao que conhecemos nos dias atuais como Território de Identidade Piemonte da Diamantina.

2.1.5 O Trem das Grotas



Figura 8: Trem das Grotas. Foto: Amado Nunes, 1960.

Fonte: acervo digital NECC, UNEB/Campus IV.

¹⁶ Os pilungas eram cabarés existentes nas proximidades das cidades de Saúde e Caém, do final do século XIX e início do século XX. É importante dizer que a palavra é encontrada etimologicamente grafada no masculino “pilongo” – e significa “cavalo ruim/imprestável” (pilunga. In: Grande Dicionário de Cândido Figueiredo).

De acordo com Fabiana Machado da Silva (2009, p. 100), “a chegada da ferrovia também contribuiu para o desenvolvimento comercial da cidade de (...), articulando-a economicamente a outras regiões baianas, dando um novo ímpeto às atividades agrícolas e pecuárias, mudando assim, sua posição no cenário regional e local”. O Trem das Grotas, que por muito tempo ligou comunidades sertanejas, tornou-se também símbolo de encontros e despedidas. Muitas histórias de curas e rezas das benzedeadas aconteceram na beira da linha, no embarque ou desembarque dos viajantes. O trem, metáfora do tempo que passa e das vidas que se deslocam, integra a memória coletiva de Saúde.

2.2 A CONFLUÊNCIA DE MULHERES PRETAS, INDÍGENAS E DA ROÇA

A identidade das benzedeadas está ligada à condição de serem mulheres, pretas, indígenas, sertanejas e pobres. Essa intersecção de gênero, raça, território e classe marca suas trajetórias, revelando tanto opressões quanto resistências. Grada Kilomba (2012, p. 56) denomina essa sobreposição de opressões como um local de mais difícil reciprocidade, conceito fundamental para compreender o lugar social dessas mulheres.

O corpo das benzedeadas é território sagrado. Nele se inscrevem os gestos, as rezas e os saberes que foram transmitidos de geração em geração. E esses corpos, predominantemente pretos, trazem o juízo de cor e trajetória pela memória. E, por isso mesmo, é de grande importância trazer essas memórias e saberes a conhecimento. Abdias do Nascimento (1980, p. 248) nos ensina:

A memória do negro brasileiro é parte e partícipe nesse esforço de reconstrução de um passado ao qual todos os afro-brasileiros estão ligados. Ter um passado é ter uma consequente responsabilidade nos destinos e no futuro da nação negro-africana, mesmo enquanto preservando a nossa condição de edificadores deste país e de cidadãos genuínos do Brasil.

Como afirma Leda Martins (2021), o corpo é também arquivo e palco da memória, lugar onde a *oralitura* se escreve e se reinscreve. O território de Saúde, por sua vez, é mais que espaço geográfico: é lugar simbólico, tecido de memórias, conflitos e afetos. O corpo e o território estão em relação, como se fossem espelhos: cuidar do corpo é também cuidar da terra, e vice-versa.

As benzedeadas são mulheres das classes populares. O histórico de acesso limitado a serviços de saúde convencional reforça a importância de suas práticas, que se

tornaram respostas comunitárias à desigualdade social. Fazendo-nos ver para além do ser, o contexto econômico, social e geográfico da realidade dessas mulheres. Como diz Milton Santos (1997), nem só as forças internas externas regem a configuração da formação da cidade, mas todo um contexto de variáveis que por sua vez tem múltiplas dimensões e apresentam vertentes diversificadas. Assim, ser *abensonhada* é resistir. É fazer da fé um recurso político, cultural e espiritual que mantém viva a tradição e assegura o futuro.

3. A POÉTICA ORAL DAS BENZEDEIRAS DE SAÚDE/BA

“(...) porque se Deus me deu o dom de eu ser desse jeito, de eu rezar, de eu ajudar o próximo como a mim mesma, é claro que eu vou ajudar até o fim da minha vida (pausa silenciosa) foi o dom que Deus me deu, foi esse (ser benzedeira). (...) Nasci assim”.

– Dona Dene, 2025, 63 anos.

A palavra, quando pronunciada pelas benzedeiros, é mais que som ou linguagem: é sopro vital, energia que atravessa corpos, cura feridas e acalenta dores. Sua oralidade não é apenas instrumento de comunicação, mas forma de existência, de produção de sentido e de inscrição histórica. Em Saúde/BA, cada bênção é poesia, cada reza é canto, cada gesto é escritura invisível no ar. E toda essa tessitura denota de uma benção de afeto, “e afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca de afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que vai e vem” (Bispo dos Santos, 2023, p.36).

Essa poética oral, que se transmite de geração em geração, ligada profundamente à fé e ao transcendental, guarda uma função histórica e social. Ela preserva memórias, reinventa tradições e oferece às comunidades sertanejas um lugar de esperança, onde a fé se conjuga à vida cotidiana. Como lembra Leda Martins (2023), a *oralitura* é escrita na voz e no corpo, inscrevendo-se como performance e documento. As benzedeiros, portanto, são poetas populares: suas palavras não apenas dizem, mas fazem; não apenas narram, mas transformam. E Conceição Evaristo (2005) fala da escrevivência como escrita marcada pela memória coletiva e pela dor ancestral. Assim, as rezas-poesias das benzedeiros são como escrevivências orais: modos de elaborar a dor e as necessidades sem nomeá-las diretamente. Apenas coexistindo e reverberando cada tempo, cada palavra, cada gesto, cada corpo e cada modo de criar. Deste modo, é válido que se acompanhe de maneira documental e orgânica esse saber. Segundo Carlos Nogueira (1999, p. 73), por meio da poesia oral e da literatura popular, profundamente conectadas à vida social, é possível compreender os desejos e o pensamento das comunidades. Diferentemente da literatura institucionalizada, os textos poéticos orais só ganham

sentido quando situados nas práticas cotidianas de seus intérpretes, seja no trabalho, nas atividades religiosas ou mesmo nos momentos de lazer.

3.1 HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIOPOÉTICA: VOZES, BRAÇOS E FOLHAS QUE REZAM

Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla dá-se o nome de sexismo, racismo e elitismo (Gonzales, 1982, p.2).

A história (dita) oficial frequentemente silencia as práticas de cura do povo, reduzindo-as a superstição ou folclore. A memória das benzedeadas é sociopoética, porque nasce da experiência coletiva e se manifesta em imagens poéticas que orientam a vida prática. Quando uma benzedeadas diz: “A arruda espanta o mau”, não está apenas transmitindo uma crença, mas uma metáfora viva de resistência, que se realiza no corpo da comunidade. Dona Dene (2025, 63 anos) diz, “porque se Deus me deu o dom de eu ser desse jeito, de eu rezar, de eu ajudar o próximo como a mim mesma, é claro que eu vou ajudar até o fim da minha vida (pausa silenciosa) foi o dom que Deus me deu, foi esse (ser benzedeadas)”. A sociopoética, proposta por Jacques Gauthier (2024), defende que o conhecimento emerge da experiência estética, coletiva e popular. Assim, ao estudar as rezas, cantigas e gestos das benzedeadas, não apenas se documenta uma prática, mas se reconhece um ato de criação coletiva e função histórica, onde vozes, braços e folhas rezam juntas.

3.2 A FÉ E A *ORALITURA*: A FUNÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DAS BENZEDEIRAS

A fé das benzedeadas não é abstrata, nem tampouco meramente racional, embora seja concreta. Manifesta-se no cuidado cotidiano, no acolhimento às dores do outro. Essa fé se faz *oralitura*, termo de Leda Martins (2021 e 2023), que indica a palavra oral como

escritura performática, carregada de potência estética. E estética reúne valores éticos nessas performances.

As práticas culturais que têm o corpo como seu agenciador privilegiado, o corpo vivo do sujeito, nos permitem assegurar que toda arte, assim como toda performance, traduz um estilo significativo singularizador da cultura e das pessoas que a vivificam e respondem a idiomas cognitivos e filosóficos, assim como uma pletora de referências estéticas e de modos de estilização complexos (Martins, 2021, p.67).

A função histórico-social das benzedeadas se manifesta em diferentes dimensões:

- Saúde comunitária: oferecem alternativas de cuidado onde o sistema público é ausente. Principalmente no passado onde a presença de médicos era bastante reduzida no interior e o acesso, e quando havia, ficava limitado às famílias mais abastadas;
- Educação informal: ensinam rezas, cantigas e gestos às novas gerações, perpetuando a tradição;
- Resistência cultural: preservam saberes de influências afro-indígenas e sertanejas que foram historicamente marginalizados e destinados ao epistemicídio;
- Espiritualidade coletiva: criam espaços de fé e esperança compartilhada, assegurando à comunidade um conforto e segurança físico e espiritual.

Como observa Sueli Carneiro (2005), os saberes dessas mulheres negras desafiam a hierarquia epistemológica do ocidente, produzindo epistemologias insurgentes que se opõem ao epistemicídio colonial. As benzedeadas são, nesse sentido, pedagogas da fé e da esperança.

3.3 ENTRE A CURA E A CHAGA: O ESQUECIMENTO DA PRÁTICA DE BENZIMENTO?

Segundo Rufino (2019, p. 81-82), as teologias políticas judaico-cristãs legitimaram o colonialismo e estabeleceram novas bases de dominação no chamado Novo Mundo, sustentando práticas de negação, perseguição e extermínio de tudo o que escapasse ao seu eixo. Qualquer forma de existência que fugisse aos seus limites era

tratada como erro. Contudo, o autor ressalta que esse sistema não se consolidou plenamente, pois a dinâmica local seguiu outros caminhos. Assim, os efeitos de projetos monoculturais e monorraciais — como desvios ontológicos, epistemicídios, desarranjos da memória e diversas injustiças — revelam a limitação e a arrogância de um saber que busca se impor como único. Se, por um lado, as benzedeadas são guardiãs de memória e saber, por outro enfrentam o risco do esquecimento. O avanço da medicina institucionalizada, a urbanização, a migração dos jovens da zona rural para a cidade — e a migração também onde saem dos interiores para os interiores *plus*¹⁷(cidades interioranas que lideram as regiões economicamente) — e a intolerância religiosa ameaçam a continuidade da prática do benzimento.

O esquecimento, como lembra Paul Ricoeur (2007), é também ferida da memória, uma chaga que ameaça romper os vínculos com o passado. Em Saúde, muitas benzedeadas relatam que suas filhas, netas e mais jovens já não querem aprender as rezas, considerando-as ultrapassadas. Surge, assim, a pergunta: como manter viva a poética da bênção em tempos de pressa e descrença?

3.3.1 TODO POESIA É UMA REZA PARA NÃO LEMBRAR?

Se a poesia é um modo de criar imagens, metáforas e memórias, talvez toda poesia seja também uma forma de reza. Uma reza que se levanta para não lembrar da dor, para suavizar o peso do cotidiano. Nesse sentido, as rezas das benzedeadas, assim como os seus corpos em performance, são poesias que encobrem o sofrimento, criando auxílio simbólico. Leda Maria Martins (2024, p. 93) destaca que a palavra possui uma força capaz de ativar aquilo que liberta por meio de sua vibração e que nela residem divindades, ancestrais, inquices e rezas que curam, revelam e movem o tempo oracular, articulando passado e devir. Segundo a autora, é por meio da palavra e dos cantos que os ancestrais se manifestam e que o próprio tempo acontece, o que explica seu caráter sagrado e o poder aurático que assume quando é pronunciada.

¹⁷ "Plus" significa "mais", em francês, e é usado em várias expressões. Embora menos comum, se a frase for uma tradução literal ou se referir a algo em francês, o significado pode ser diferente.

3.3.2 TODA REZA É UMA POESIA PARA NÃO ESQUECER?

Por outro lado, toda reza é também memória. É palavra que resguarda saberes, que não permite que a tradição se apague. Benzer é lembrar – lembrar dos antepassados, dos santos, dos orixás, dos encantados, das mães, avós e/ ou familiares que ensinaram o gesto. “As recordações revelam o modo de ser e de viver, bem como os motivos que a consagram no âmbito social, pelo efeito do benzimento e da força da palavra viva, memórias tais que são matérias-primas para suas histórias” (Barros, 2022, p. 30). Nesse sentido, a reza é poesia que guarda. É poética de resistência contra o esquecimento. É ela que impede que as benzedeadas desapareçam das memórias individuais e coletivas, inscrevendo-se nos corpos como literatura viva.

“O texto oral, ao reverter-se em discurso de certa formação social, por meio de um contador local, atualiza-se, veiculando valores, modos de existência, expectativas de vida desse segmento social e, dessa forma, torna-se uma categoria de experiência cultural” (Alcoforado, 2007, p. 6). Assim, entre cura e chaga, entre lembrar e esquecer, a prática do benzimento permanece como território de disputa: de um lado, a ameaça do silêncio; de outro, a potência da palavra que cura e resiste. Afinal, como lembra Gauthier (2024, p. 133), aprende-se pela experiência e pela sensibilidade, pela emoção e pela intuição, tanto como pela razão.

DESCONCLUSÂNCIA OU ARRUDÊA

“Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Dúvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo.”

– João Guimarães Rosa, 2008, p. 77.



Figura 9: Vilebaldo S. de Jesus sendo benzido por D. Nilda, 2025.

Fonte: Acervo pessoal.

Encerrar esta monografia como se tudo estivesse concluído seria negar a natureza do saber das benzedeadas: cíclica, viva, em constante circulação. De acordo com Nêgo Bispo (2015), nós somos o começo, o meio e o fim. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia¹⁸. Por isso, chamo este fechamento de *desconclusância*¹⁹, ou *arrudêa* – termo que evoca a arruda (planta sagrada que acompanha rezas, cantigas e gestos, e também o ato de circular, de não terminar), contudo também é uma expressão do nordeste brasileiro que quer dizer “dá a volta/dá um contorno”.

Acredito que o ofício das benzedeadas é muito mais do que lhe é atribuído – é uma tecnologia ancestral poética de registro sociocultural e histórico importantíssima na construção da identidade de um município com tão poucos registros escritos, como é o caso de Saúde/BA. Apresentar as benzedeadas e o seu ofício como instrumento documental e poético me faz abençoado com uma memória de minha infância, onde por falta de opção e recurso financeiro, eu – uma criança anêmica e debilitada fui levado a uma benzedeadas e ela me abençoou com a sua fé e eu fiquei melhor. Essa lembrança sempre me traz a reflexão: quantos dos meus antepassados – payayá, quilombolas e gente da roça – por estarem à margem e sempre numa condição constante de faltas e necessidades (reflexo da colonização), não foram curados da dor, esquecimento e falta de esperança à vida por benzedeadas? Assim sendo, esta pesquisa começou em mim e eu espero que recomece dentro de cada um que a ela tiver contato.

A *desconclusância* reconhece que o conhecimento registrado aqui é parcial, provisório e em trânsito. Cada capítulo, cada citação, cada gesto descrito é apenas uma aproximação do mundo sensível das benzedeadas, que se inscreve no tempo espiralar das pessoas, no corpo das mulheres, nas folhas que queimam e nos ventos que carregam rezas. As benzedeadas são as suas próprias autoras e intelectuais. Os seus corpos são símbolos ancestrais e, por serem símbolos ancestrais, são, assim como o seu ofício, tecnologia e código de poética e comunicação. Por isso mesmo, exalam cura, poesia, emoções, sonho, recomeço e inspiração.

Tal como as ervas sagradas, a memória resiste, perfuma e cura, mesmo em tempos de esquecimento e dispersão. Assim, esta *desconclusância* não é um fim, mas um

¹⁸ Poema de Antônio Bispo dos Santos.

¹⁹ Acrescentando à palavra “conclusão” o prefixo de negação, “des-”, e o sufixo que indica ação ou estado, “-ância”). Recuso-me a conclusões e a ver saberes parados.

convite: continuar escutando, aprendendo, benzendo (ou rezando), sendo benzido (ou rezado), escrevendo (ou sendo escrito), lembrando (ou sendo lembrado) e movendo (ou sendo comovido). É permitir que a poética oral das benzedeiças siga viva, atravessando o tempo, os corpos, os credos, as telas – mantendo as benzedeiças sempre presentes na tradição e na identidade da cidade de Saúde/BA e região. Afinal, é tão trágico imaginar que somente é conhecimento aquilo que está na escrita convencional – há outras formas de “escritas”. Por Dona Nenzinha, Dona Lemilza, Dona Nilda, Dona Bia, Dona Dene e tantas que já se foram e tantas que virão – assim espero, recolho-me aqui dizendo: arrudêa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Livros, artigos e trabalhos acadêmicos)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier. **ORALIDADE E LITERATURA**. In: Oralidade e Literatura 3: outras veredas da voz. LEITE, Eudes Fernandes; FERNANDES, Frederico (orgs.). Londrin: EDUEL, 2007.

ALMEIDA, Violeta Odette de. **SAÚDE INTEGRAL**: história de um povo feliz. 1997.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; LEMOS, Carolina Teles. **As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina populares**. 2. ed. Quirinópolis: IGM, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

COSTA, Edil Silva. **Ensaio de malandragem e preguiça**. Curitiba: Appris, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. **Entrevista Narrativa**. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

GAUTHIER, Jacques Moendy. **Sociopoética e Contracolonialidade**: relatos de pesquisas e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (orgs.). **Memória, Identidade e Representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MAPA DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE PIEMONTE DA DIAMANTINA. Acesso em: 01 dez 2025. Disponível em: https://www.ba.gov.br/cultura/sites/site-secult/files/migracao_2024/arquivos/File/01_divisao_territorial_2/16_piemonte_diamantina.pdf.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2. ed., rev. e atual. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte/MG: Mazza Edições, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**, poéticas do corpo-tela. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Joselito. **ATÉ QUANDO A PRÁTICA DO BENZIMENTO PODERÁ RESISTIR AOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS E CIENTÍFICOS?.** 2004. 40 f. il. Monografia (Teologia) – INSTITUTO SUPERIOR DE TEOLOGIA E PASTORAL DE BONFIM. Senhor do Bonfim/BA, 2004.

MOURA, Joselito. **COM DOIS TE BOTARAM COM TRÊS EU TE CURO: AS REPRESENTAÇÕES DE CURA NA PRÁTICA DAS BENZEDEIRAS DE PAIAIÁS NO MUNICÍPIO DE SAÚDE/BAHIA (1950 – 2018).** 2019. 47 f. il. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Universidade do Estado da Bahia. Jacobina/BA, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África.** *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1996.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição.** Maria Beatriz Nascimento. *Diáspora Africana*. Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo /** Maria Beatriz Nascimento, organizado por Alex Ratts; posfácio de Muniz Sodré; texto de Bethania Nascimento Freitas Gomes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NOGUEIRA, Carlos. **Funções da poesia oral.** *Brigantia*, Bragança, Portugal, v. XIX, n. 3-4, p. 67-78, 1999.

PAYAYÁ, Juvenal. **Nheenguera.** Salvador: Alba Cultural, 2018.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1560-1720.** São Paulo: Hucitec; Edusp; Fapesp, 2002.

PEREIRA, Raimundo Moraes. **Memórias na varanda: história e estórias do município de Saúde.** Salvador: Ed. do Autor, 2004.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

RODRIGUES, Franciel dos Santos. **Entre o dito e o escrito: histórias e memórias das rezadeiras da comunidade de Junco do Seridó/PB.** 2019. 47 f. il. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande/PB, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias.** 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significações.** Brasília, DF: Editora UnB, 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Solon Natalício Araújo dos. **Os Payayá no Sertão das Jacobinas (1651-1706).** 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.

SILVA, Fabiana Machado da. **O TREM DAS GROVAS**: a ferrovia *Leste Brasileiro* e o seu impacto social em Jacobina (1920-1945). 2009. 156 f. il. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, Campus V, Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus/BA, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A poesia e o corpo**. In: ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Cultural, 2005.

REFERÊNCIAS ORAIS

(Falas das benzedeadas entrevistadas no trabalho)

Dona Bia, 2025. Entrevista concedida a Vilebaldo Santos de Jesus com transcrição e gravação pelo mesmo. 2025.

Dona Dene. Entrevista concedida a Vilebaldo Santos de Jesus com transcrição e gravação pelo mesmo. 2025.

Dona Lemilza. Entrevista concedida a Vilebaldo Santos de Jesus com transcrição e gravação pelo mesmo. 2025.

Dona Nenzinha. Entrevista concedida a Vilebaldo Santos de Jesus com transcrição e gravação pelo mesmo. 2025.

Dona Nilda. Entrevista concedida a Vilebaldo Santos de Jesus com transcrição e gravação pelo mesmo. 2025.

APÊNDICES

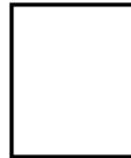
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, **AUTORIZO**, através deste termo, o pesquisador **Vilbaldo Santos de Jesus** do projeto de pesquisa intitulado “**MEMÓRIAS ABENSONHADAS: a identidade e o sagrado na poética oral das benzedeiiras da cidade de Saúde/BA**” a realizar fotos, vídeos e gravações de áudio que serão necessárias para elaboração da escrita da pesquisa como referencial intelectual, sabendo que não haverá ônus financeiro a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos, vídeos e áudios (suas respectivas cópias) e/ou depoimentos somente para fins acadêmicos e de estudos (livros, pesquisas, artigos e slides), também libero o uso do meu primeiro nome e/ou alcunha, em favor da pesquisa anteriormente citada.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos decorrentes dos elementos por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Saúde/BA, _____ de _____ de 2023.



Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Pesquisador Responsável

ROTEIRO DE CONVERSA – BENZEDEIRAS E REZADEIRAS

DATA DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO: ____/____/____

- 1) Desde quando existem benzedeiros em Saúde?
- 2) Será se o ofício do “benzer” (das benzedeiros) tem alguma ligação com os indígenas (índios) Payayá e com os quilombolas?
- 3) Você (a sra.) é benzeira desde quando? Com quem aprendeu esse ofício?
- 4) Além da fé, quais elementos são importantes na hora do benzimento? Quais são as formas de benzer?
- 5) Você (a sra.) cobra algum valor para benzer as pessoas? Por quê?
- 6) Você (a sra.) acredita que se transmite sentimento e conhecimento por meio da reza e benzimento?
- 7) Se a sra. fosse pintar uma imagem que representasse a história da cidade de Saúde/BA e região, essa imagem seria uma mulher benzeira/rezadeira? Como seria?
- 8) Qual a importância das benzedeiros para a história de Saúde e região?
- 9) Considerando a sua idade e realidade da quantidade de benzedeiros que ainda tem por aí, a sra. acha que o “ofício” do “benzer” e as benzedeiros vão deixar de existir?
- 10) É importante registrar/documentar o ofício das benzedeiros e rezadeiras para que as novas gerações tenham acesso a esse conhecimento?

ANEXO 1 – ROTEIRO DE CONVERSA

ANEXOS



(Eu e Dona Nenzinha, em sua casa, no Paiaíá, Saúde/BA, 2025)



(Eu e Dona Bia, em sua casa, no Genipapo, Saúde/BA, 2025)



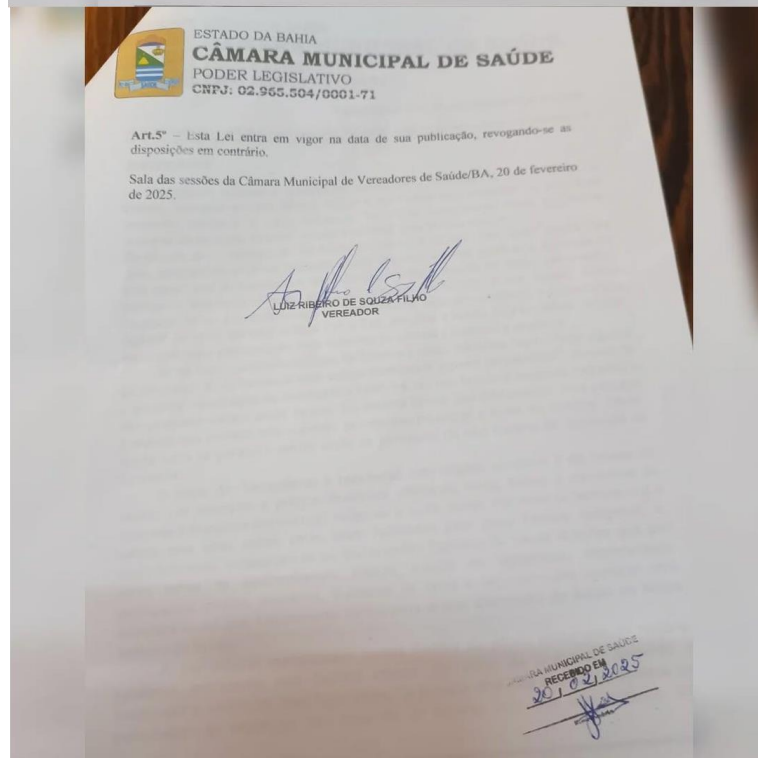
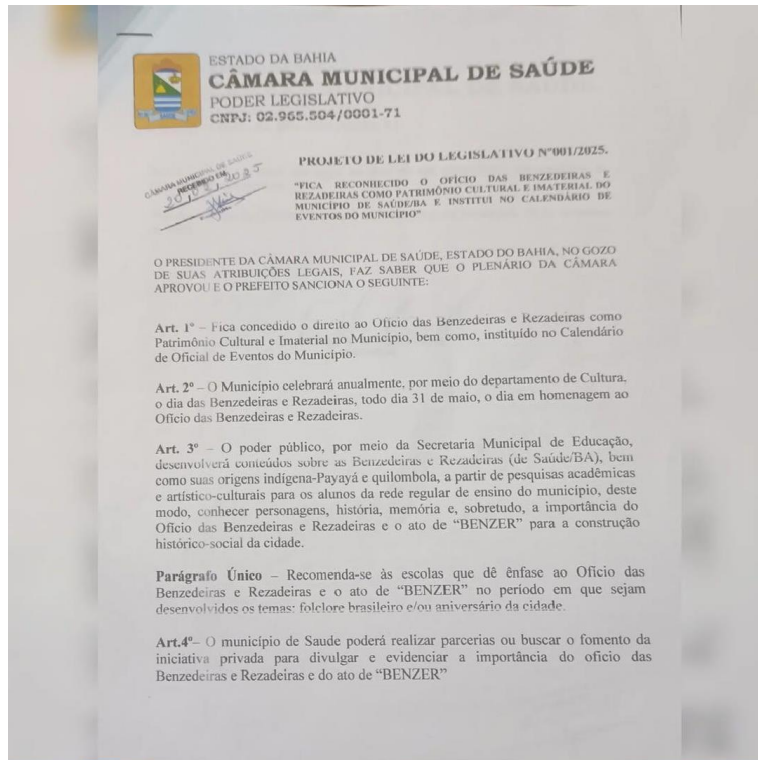
(Eu e Dona Nilda, em sua casa, no Genipapo, Saúde/BA, 2025)



(Eu, Dona Lemilza – minha amiga Deise, de vestido florido, e uma vizinha da nossa benzedeira – em sua casa, no Genipapo, Saúde/BA, 2025)



(Eu e Dona Dene, em sua casa, nas Canoas, Saúde/BA, 2025)



(Lei que concedeu o título de patrimônio cultural e imaterial às benzedeiros e rezadeiras de Saúde/BA)



"PRÁTICA RECONHECIDO O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E IMATERIAL DO MUNICÍPIO DE SAÚDE E INSTITUIÇÃO CALENDÁRIO DE EVENTOS DO MUNICÍPIO"

JUSTIFICATIVA

A prática religiosa e cultural das benzedadeiras e rezadeiras com o ofício de benzer, abençoar e curar feridas físicas e espirituais está presente na sociedade brasileira, baiana e, é claro, saudense. Tal ofício, configura-se como patrimônio imaterial de um povo, todavia, constitui-se como uma prática popular. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN: “Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (Como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural aoreconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial”.

Deste modo, podemos instigar facilmente à nossa memória “eu conheço alguma benzedeira?” e/ou “os meus mais velhos conheciam alguma benzedeira?”. Lembrar o passado, na condição de importância histórica, faz-nos honrar a memória daqueles e daquelas que vieram antes de nós. Da mesma forma que documentar esse passado histórico nos permite não cometer as mesmas injustiças e erros de outrora. Afinal, muita coisa se perdeu e tantas estão se perdendo da real história do município de Saúde/BA.

O ofício das benzedadeiras e rezadeiras têm origens similares à da cidade de Saúde, por exemplo: a prática ritualística utilizando ervas, folhas e elementos da natureza é marcante das culturas indígenas e quilombolas. Por meio da história oral é sabido que estas terras antes eram habitadas pelo povo Payayá, indígenas, e, posteriormente, achegaram-se os escravizados fugitivos de várias direções que por estas terras se aquilombaram. Depois vieram os sertanistas, exploradores, garimpeiros, padres, posseiros, invasores de terra e jagunços para começar uma estrutura social que futuramente tornar-se-ia o que chamaram de Arraiá de Nossa Senhora da Saúde.

As benzedadeiras representam muitas frentes da pouco documentada história saudense, entretanto essa história resiste por meio da oralidade. Segundo o historiador e sociólogo, Paul Thompson: “A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança: isso depende do espírito com que seja utilizada. Não

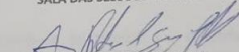


obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”.

Do mesmo modo, fazer dessa data também um convite à memória social saudense, à tradição cultural, aos povos tradicionais, à história que fora ignorada de tantas e tantos munícipes importantíssimos para a formação da nossa amada cidade. Celebrar a ancestralidade cultural de uma comunidade é como investir em um futuro justo, democrático, coerente e inclusivo. Uma sociedade que conhece a sua história e a honra, tem um povo forte.

Nos dias atuais não vemos mais tantas benzedadeiras/rezadeiras, assim como não vemos mais tantas outras manifestações e figuras culturais que enobrecem as nossas origens. É preciso documentar, tornar acessível e divulgar a existência e a face diversificada da nossa cultura às novas gerações. Quando valorizamos algo de Saúde também enalteçemos a nossa memória pessoal. Falar das benzedadeiras/rezadeiras de Saúde é como falar de um povo rico em fé, em natureza. É como falar daqueles que vieram antes de nós, os Pavayá e os quilombolas. Homenagear as benzedadeiras/rezadeiras é como dizer: aqui há um povo que acredita na vida e a todos bendiz.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA, EM 20 DE FEVEREIRO DE 2025.


LUIZ RIBEIRO DE SOUZA FILHO
VEREADOR

(Justificativa da Lei que concedeu o título de patrimônio cultural e imaterial às benzedadeiras e rezadeiras de Saúde/BA)



VILEBALDO SANTOS DE JESUS



MEMÓRIAS ABENSONHADAS:
a identidade e o sagrado na poética oral
das benzedeadas da cidade de Saúde/BA

Jacobina – BA

2025